

KATIA CAMARGO DE FRANÇA SCHMIDT

A ATIVIDADE RÍTMICA PARA O
DEFICIENTE MENTAL TREINÁVEL

Monografia apresentada como pré-requisito de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
1994

KATIA CAMARGO DE FRANÇA SCHMIDT

A ATIVIDADE RÍTMICA PARA O
DEFICIENTE MENTAL TREINÁVEL

Monografia apresentada como pré-requisito de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadores: Professoras RUTH
EUGÊNIA e VERA DOMAKOSKI.

CURITIBA
1994

Aos profissionais desta área, que passam os seus dias ensinando e se dedicando às pessoas portadoras de deficiência mental.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Vera Domakoski, que me auxiliou e orientou nesta monografia.

À minha irmã Simoni França, que me incentivou a estudar sobre os deficientes mentais.

Principalmente ao meu marido Carlos, por ter me apoiado neste estudo, meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
1 INTRODUÇÃO	01
1.1 PROBLEMA.....	01
1.2 JUSTIFICATIVA.....	02
1.3 OBJETIVOS	03
2 REVISÃO DE LITERATURA	04
2.1 CONCEITOS E CAUSAS DA DEFICIÊNCIA MENTAL.....	04
2.1.1 Conceitos	04
2.1.2 Causas.....	05
2.2 CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA DEF. MENTAL	06
2.3 DEFICIÊNCIA MENTAL TREINÁVEL	07
2.4 ATIVIDADES PSICOMOTORAS PARA O DEF. MENTAL TREIN.....	09
2.5 ATIVIDADES FÍSICAS PARA O DEF. MENTAL TREIN.	10
2.5.1 Dança	13
2.5.2 Dança Folclórica	13
2.5.3 Dança Elementar	14
2.5.4 Brinquedos Cantados.....	15
3 CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

RESUMO

O presente estudo teve por finalidade analisar as atividades rítmicas para o deficiente mental treinável. O portador desta deficiência é considerado um indivíduo com dificuldades no desenvolvimento das funções intelectuais, não atingindo o estágio de alfabetização, podendo apenas treinar a memorização. Porém, ele é capaz de cuidar de si próprio, como vestir-se, despir-se, usar o toalete e alimentar-se; pode desenvolver habilidades necessárias aos cuidados pessoais, tornando-se relativamente útil no lar, no trabalho protegido e na comunidade. Quando adulto, sua idade mental está compreendida entre três e sete anos, necessitando de cuidados durante toda a vida. O objetivo deste estudo foi demonstrar a importância da atividade rítmica no desenvolvimento das áreas cognitivas, afetivas e psicomotoras deste deficiente, auxiliando os profissionais a uma atividade motivante e de melhor rendimento no desenvolvimento dos deficientes mentais treináveis. Através da revisão de literatura, conclui-se que as atividades rítmicas poderão ser trabalhadas, com excelentes resultados, desde que seja obedecido o critério de adequação. Por exemplo, se a idade mental do deficiente é de três a sete anos, ele deverá vivenciar atividades que correspondam a esta faixa etária (equivalente à pré-escola) como: danças folclóricas, dança elementar e brinquedos cantados, o que despertará o indivíduo para a sociabilização, fará com que ele adquira uma percepção rítmica e um desenvolvimento mais eficaz da coordenação motora e espaço temporal, e auxiliará as atividades no lar e no trabalho protegido.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Divido às dificuldades motoras que os deficientes mentais treináveis encontram em suas atividades diárias, sejam em casa, ou na escola, é necessário que eles trabalhem não só exercícios de fisioterapia, mas também exercícios de atividade motora adaptada (AMA) nas escolas, para a correção dos movimentos bem como para o desenvolvimento do ritmo e criatividade.

As atividades rítmicas têm se mostrado eficazes na melhoria do desenvolvimento físico, perceptivo e cognitivo do deficiente mental treinável, auxiliando no seu relacionamento social, bem como na sua integração ao meio ambiente.

Portanto, indaga-se: Quais as atividades rítmicas ideais, que auxiliariam o desenvolvimento físico, perceptivo, cognitivo e social dos deficientes mentais treináveis? E será que estas atividades poderiam ser as mesmas usadas com crianças normais?

1.2 JUSTIFICATIVA

Através de estudos realizados com deficientes mentais treináveis, verificou-se que é importante desenvolver atividades rítmicas, destacando-se a atividade motora adaptada (AMA), para auxiliar em suas tarefas escolares, bem como ajudar na criatividade de cada aluno, possibilitando o contato com seus colegas, desenvolvendo a sociabilização, além da cognição e da motricidade.

O profissional de educação física, realizando atividades rítmicas com deficientes mentais treináveis, têm como objetivo despertar novos movimentos aos alunos, possibilitando alegria e estimulando a comunicação, seja de gestos ou da fala.

Este trabalho também se justifica pela dificuldade que os profissionais de educação física apresentam ao deparar com crianças deficientes mentais, uma vez que esta área, até pouco tempo, tem sido totalmente carente nos recursos de graduação.

1.3 OBJETIVOS

Estudar as características e necessidades da pessoa portadora de deficiência mental treinável.

Discutir as atividades que auxiliam o ritmo entre os deficientes mentais treináveis.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Segundo o autor ROSADAS (1988), antigamente o deficiente mental era visto como um demônio, pois quando acontecia o ataque epilético, a criança deveria ser levada ao exorcismo. Mais tarde houve novas denominações que lhe foram apregoadas, como bobos da corte, idiotas, imbecis mentais, oligofrênicos, inadaptados sociais, retardados mentais e outros.

O autor afirma que durante muito tempo, o termo idiotismo foi usado inadequadamente, assim como os outros termos citados, para caracterizar todos os tipos de transtornos mentais. Atualmente o termo é conhecido como deficiência mental, que foi estabelecido por Espirol já no século XIX.

Tendo em vista a amplitude do tema, bem como as delimitações desta pesquisa, a revisão de literatura abordará apenas os tópicos pertinentes aos objetivos deste estudo, ou seja, generalidades sobre a deficiência mental e aprofundamento sobre a deficiência mental treinável, bem como atividades ritmicas que podem beneficiá-los.

2.1 CONCEITOS E CAUSAS DA DEFICIÊNCIA MENTAL

2.1.1 CONCEITO

Autores ingleses definem a deficiência mental como um estado de parada do desenvolvimento intelectual incompleto, existente antes dos 18 anos, determinado por causas intrínsecas ou produzido por doenças ou traumatismos.

Devido à existência de várias definições de deficiência mental, a Associação Americana para Deficientes Mentais (AADM) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), estipularam uma definição oficial, que é do autor GROSSMAN apud GOMES (1993, p.93), que refere-se "ao funcionamento intelectual, em geral significativo abaixo da média, que ocorre concomitantemente com deficiência na conduta adaptativa e se manifesta durante o período de desenvolvimento."

Através da formação desta afirmação, obteve-se uma explicação de como a definição de GROSSMAN se traduz em termos práticos. Para um primeiro critério, houve a realização de testes de inteligência, onde a maioria obteve pontuação inferior à média. Já o segundo critério, faz referências de como o indivíduo se ajusta nos padrões da independência e responsabilidade social esperados do grupo etário e cultural. E, para o terceiro critério, deverá ser observado durante a infância, problemas de natureza semelhante em adultos. A definição de KIDD (1964) apud GOMES (1993, p.93), define a deficiência mental como "um funcionamento intelectual submédio que se manifesta durante o período de desenvolvimento, e se caracteriza pela inadequação no comportamento adaptativo."

Para GOMES (1993), a definição mental:

É associada a um distúrbio no comportamento de adaptação, nos primeiros anos de vida, é reconhecida pelo baixo índice de desenvolvimento em habilidades tais como: andar, falar e outras atividades sensório motoras. Na fase de escolaridade, capacidade de aprendizagem diminuída. Na fase adulta, baixo ajustamento social, especialmente relacionado a não condição de independência e da não garantia da própria sobrevivência. (GOMES, 1993, p. 93).

Além destas definições, existem outras e a cada ano são realizadas pesquisas para que haja um entendimento sobre a deficiência mental. Pode-se simplificar o significado deste termo, através da autora SILVA (1990, p.02) como: "uma limitação da personalidade que se baseia essencialmente na impossibilidade de desenvolver uma capacidade intelectual suficientes para lidar com as exigências do meio".

2.1.2 CAUSAS

Para saber-se o que causa a deficiência mental, pode-se citar inúmeros problemas ocorridos tanto na fase pré-natal, como na fase neo-natal e pós-natal. Para isso, realizam-se estudos sobre o cérebro humano, estabelecendo-se dois grupos de possíveis causas: um determinado pelos fatores orgânicos e o outro pelos fatores ambientais:

(a) Fatores orgânicos: segundo ESTÉVEZ (1989), os grupos de deficientes mentais moderados, severos e profundos, são mais determinados pelos fatores orgânicos genéticos, bem como de ordem pré, neo e pós-natal.

Entre os fatores orgânicos pré-natais e que podem causar deficiência mental no futuro bebê, destaca-se: (1) as infecções, como rubéola, herpes, sífilis, toxoplasmose e sarampo; (2) produtos químicos e (3) radiação.

Como causas orgânicas neo-natal, o mesmo autor cita: (1) doenças crônicas, como diabetes, problema cardiovascular ou respiratório, hipertensão e doenças da tireóide; (2) placenta prévia.

Com relação às possíveis causas pós-natais, são relacionadas: hemorragias cerebrais, insolação, choques elétricos, gases venenosos, doenças cardíacas congênitas; asfixia e doenças infecciosas.

(b) Fatores ambientais: as causas de deficiência mental provocada por fatores ambientais, segundo ESTÉVEZ (1989) podem ser classificadas em dois grandes grupos: (1) predominantemente cultural e (2) predominantemente familiar, com interação entre variáveis genéticas e ambientais.

De acordo com o mesmo autor, para caracterizar-se uma deficiência mental causada por fatores ambientais, utiliza-se quatro critérios: (1) o deficiente pertence ao grupo de deficiência mental leve; (2) não apresenta patologia orgânica detectável; (3) tem um pai ou irmão deficiente mental e (4) cresce em famílias socioeconômicas baixas.

ESTÉVEZ (1989) complementa, dizendo que além dos fatores ambientais supra-citados, outras podem ser as causas de uma deficiência mental como: a idade da mãe (principalmente menos de 16 e mais de 40), utilização incorreta de fórceps, peso, sem apresentação de choro (reflexo primário) e desnutrição da mãe ou da criança.

Já para o autor ROSADA (1991), as principais causas de deficiência mental são as disfunções cerebrais que residem no mal funcionamento orgânico do cérebro, seja por fluxo irregular ou por deficiência de oxigênio, que ocasiona uma hipoxia local que pode se tornar séria e vir a lesionar um determinado setor do cérebro. Estas lesões ocorrem na fase neo-natal, provocadas por: partos demorados, uso exagerado de anestesia, partos com ajuda incorreta do aparelho fórceps, etc.

Concluindo este item, pode-se dizer que a principal causa de deficiências provocadas por fatores ambientais, é resultante da pobreza, da ignorância e da assistência insuficiente, bem como de problemas de saúde resultantes de ambientes pouco habitáveis, e de problemas psicológicos e sociais que as crianças enfrentam no seu dia-a-dia.

2.2 CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA DEFICIÊNCIA MENTAL

Existem várias classificações de deficiência mental, sendo que a mais usada é a da Associação Americana de Deficiência Mental (AADM), que compactua com a da Organização Mundial de Saúde (OMS), classificando a deficiência mental em quatro grupos:

- (1) deficiência mental profunda;
- (2) deficiência mental severa;
- (3) deficiência mental moderada e
- (4) deficiência mental leve.

Porém, para efeitos pedagógicos, existe outra classificação (a qual será adotada para este trabalho) que fragmenta a deficiência mental em três grupos:

(1) Deficiência Mental Educável: (corresponde à deficiência mental leve na classificação da AADM e OMS, QI 52 a 40). Seus portadores são essencialmente normais em seu desenvolvimento emocional, social e motor, e possuem uma aprendizagem lenta. Alguns, apesar de possuírem um grau de inteligência abaixo da média, podem ser alfabetizados.

Para MACHADO e ALMEIDA (1969), o deficiente mental educável, apresenta limitações de aprendizagem espontânea, dificuldade de compreensão e de manter uma atenção dirigida. Na maioria das vezes, esta deficiência, só é reconhecida quando o aluno inicia os estudos, quando apresenta poucas habilidades na execução das tarefas. Atinge na fase adulta uma idade mental entre sete a doze anos, podendo realizar um trabalho não especializado ou semi-especializado. Seu

comportamento pode acrescentar agressividade, desvalorização, tendência à frustração, teimosia, automatismo, viscosidade e falta de censura.

(2) Deficiência Mental Treinável: (corresponde ao deficiente mental moderado na classificação da AADM e OMS, QI 51 a 36) Os portadores desse tipo de deficiência pode desenvolver habilidades necessárias aos cuidados pessoais, tornando-se relativamente úteis no lar, no trabalho protegido e na comunidade. Não atingem estágios de alfabetização.

Segundo MACHADO e ALMEIDA (1969), o deficiente mental treinável é identificado na maioria dos casos, desde os primeiros anos, pois é significativo seu atraso na fala e no andar. Podem ser treinados a memorizar ou mesmo a aprender palavras e fatos matemáticos simples. Quando adultos, sua idade mental está compreendida entre três e sete anos. Estes indivíduos necessitam de cuidados durante toda a vida.

(3) Deficiência Mental Dependente: (corresponde ao deficiente mental profundo na classificação da AADM e OMS, QI abaixo de 19) É uma deficiência mental grave, constituída na quase totalidade por tipos clínicos. Na maioria dos casos, seus portadores apresentam lesões orgânicas de cérebro, desvios endocrinológicos e bioquímicos de origem genética ou ambiental.

MACHADO e ALMEIDA (1969), caracterizam a deficiência mental dependente, pela ausência quase total da linguagem e pela incapacidade de adquirir hábitos higiênicos, precisando de ajuda ao se vestir, comer e nos hábitos diários. Estes indivíduos têm sua deficiência reconhecida desde os primeiros anos de vida, pela falta de respostas aos estímulos do meio. São incapazes de se defender dos perigos. Na fase adulta a idade mental pode atingir cerca de três anos. Eles necessitam de proteção e auxílio durante toda a vida, sendo incapazes de sobreviver sem ajuda.

2.3 DEFICIÊNCIA MENTAL TREINÁVEL

Para trabalhar com o deficiente mental treinável, é necessário que se conheça profundamente suas características.

Segundo KIRK e GALLAGHER (1987), pode-se caracterizar o deficiente mental treinável como um indivíduo que tem dificuldades em aprender as atividades acadêmicas em qualquer nível funcional, desenvolver independência total a nível adulto e também alcançar adequação vocacional suficiente para sustentar-se com supervisão ou ajuda. As deficiências são geralmente notadas devido à desvios clínicos ou físicos da criança ou por ela demorar em aprender a andar ou falar.

O deficiente mental treinável, tem capacidade de cuidar de si próprio como: vestir-se, despir-se, usar o toalete e alimentar-se. Também pode proteger-se de perigos comuns no lar e na vizinhança, além de que poderá aprender a compartilhar e respeitar direitos de propriedade e comparar numa unidade familiar a comunidade. O deficiente também é útil em tarefas de casa. Trabalhando em ambientes especiais ou mesmo em trabalhos rotineiros, sempre deverá ser supervisionado e orientado.

Resumindo, o deficiente mental treinável é capaz de realizar algumas tarefas, mas não se deve esquecer que ele necessita de alguém para orientá-lo no decorrer de toda a sua vida.

Segundo ROSADAS (1991, p.11), o deficiente mental treinável apresenta algumas características como:

- Vocabulário pobre em quantidade e qualidade;
- Distúrbios grave da palavra;
- Atraso significativo no andar e no falar;
- Capacidade de defender-se dos perigos, de adquirir hábitos higiênicos de rotina, de realizar pequenos trabalhos caseiros, de atingir um ajustamento satisfatório em relação à família, à vizinhança e à escola;
- Grande deficiência no desenvolvimento das funções intelectuais;
- Limitações acentuadas na aprendizagem;
- Necessidade de supervisão e ajuda constante.

De acordo com as características do deficiente mental treinável, pode-se analisar e entender o quanto é importante que este indivíduo tenha uma orientação mais a nível profissional, ajudando-o a desenvolver as áreas cognitivas, afetivas e psicomotoras para que desempenhem adequadamente as tarefas diárias em casa ou na comunidade.

Para que haja uma aprendizagem adequada, o governo brasileiro estipulou um planejamento a ser desenvolvido para cada pessoa.

Na área cognitiva, o autor ROSADAS cita os objetivos e atividades a serem desenvolvidas em aulas, nas escolas especializadas que são:

Adquirir vocabulário visual básico que lhe permita uma certa independência, atendendo aos seus interesses, necessidades e possibilidades; - Ter oportunidade de criatividade, auxiliando a expansão de conhecimentos e emoções; - Conseguir ajudar-se socialmente; - Desenvolver o equilíbrio e a agilidade do corpo; - Participar de atividades sociais, de tal modo que estas atividades permitam à criança aliviar tensões interiores, de forma socialmente aceita. (ROSADAS, 1991, p.12).

Para que o aluno desenvolva estes objetivos, citam-se algumas atividades de exercícios para o desenvolvimento visual de palavras como: atividades recreativas livres e dirigidas, atividades artísticas, teatro e atividades musicais.

Entende-se que as atividades musicais são muito importantes pois elas possibilitam ao professor desenvolver todos os objetivos da área cognitiva.

Na área afetiva, ROSADAS (1991), cita os objetivos para que a pessoa de deficiência mental treinável seja trabalhada a fim de fazer com que ela sinta-se mais segura e mais aceita na sociedade, que permita a aprender e a reconhecer e possa desenvolver atividades para as quais se demonstre mais apto. Estes objetivos deverão

ser desenvolvidos com atividades recreativas, práticas higiênicas de saúde, passeios e formação de grupos, permitindo a participação dos pais.

Para a área psicomotora, o mesmo autor coloca que o deficiente mental treinável é capaz de atingir alguns objetivos como:

Adquirir a organização do seu esquema corporal e sua orientação no espaço; - Desenvolver a estrutura corporal; - Desenvolver um bom equilíbrio; - Adaptar-se ao meio; - Realizar atividades menos egocêntricas e de maior utilidade, ampliando a noção de responsabilidade social e de trabalho prolongado; - Desenvolver atividades que propiciem a reeducação motora e, tanto quanto possível a realização pessoal. (ROSADAS, 1991, p.13).

Pode-se trabalhar estes objetivos, com atividades visando os exercícios de coordenação visual motora (como atividades manuais), atividades de educação física (como equilíbrio, relaxamento, respiração e outros) e também através de atividades com ritmo (com ou sem música).

Depois de vários estudos realizados por psicólogos, pedagogos, etc., atualmente é usado em algumas escolas o método Montessori, onde são desenvolvidos todos os objetivos já citados, permitindo um trabalho fácil e de boa qualidade, seja para pessoas com deficiência mental treinável, educável ou dependente.

2.4 ATIVIDADES PSICOMOTORAS PARA O DEFICIENTE MENTAL TREINÁVEL

Para relacionar as atividades motoras à pessoa com deficiência mental treinável, deve-se entender o que significa o termo educação psicomotora.

Através de conceitos de vários autores, ficou evidenciado que o termo educação psicomotora não é abordado sempre desta forma; encontra-se como coordenação psicomotora, reeducação psicomotora e outros. Assim, de melhor entendimento, será trabalhado o termo educação psicomotora.

Segundo os autores PICQ e VAYER (1988, p.21), "a educação psicomotora é uma ação pedagógica e psicológica, utilizando meios da educação física, com objetivo de normalizar ou melhorar o comportamento da criança".

Dando outro enfoque, COSTA apud VIANA (1990, p.24) define a educação psicomotora como sendo "a qualidade de sinergia que permite combinar a ação de diversos grupos musculares na realização de uma sequência de movimentos com o máximo de eficiência, economia e rapidez quando envolvidas a velocidade e a força.

Complementando, CANFIELD (1981), cita que a educação psicomotora consiste em atividades primariamente orientadas para o movimento e que enfatizam respostas físicas abertas.

Já o autor LE BOULCH (1981), a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação básica, para os alunos de faixa etária escolar, pois

se a criança não tiver adquirido habilidades suficientes para coordenação de seus gestos e movimentos, deve-se trabalhar as atividades psicomotoras para melhorar as habilidades destas crianças. Ainda de acordo com o mesmo autor, os exercícios de coordenação, que envolvem movimentos variados, poderão melhorar a eficiência de algumas valências físicas, como: força muscular, velocidade, equilíbrio e flexibilidade permitindo um melhor aproveitamento de seus exercícios futuros.

A educação psicomotora para LE BOUCH (1981), se processa de dois modos: dinâmica geral e óculo manual. No primeiro, os movimentos implicam em locomoção e exigem um perfeito e harmonioso ajuste em todo corpo enquanto que no segundo, a sua exercitação é fundamental para o completo desenvolvimento humano.

Para a criança, seja normal ou não, é importante a educação psicomotora, pois esta tem como finalidade assegurar o desenvolvimento da criança, levando em conta as suas possibilidades e auxiliando na afetividade entre educador e educando.

Através desta afirmação pode-se perceber que a educação psicomotora é muito importante e deve ser desenvolvida nas escolas, seja para as crianças normais ou não. Como se vê, uma atividade psicomotora, quando bem programada pelo educador, poderá ser uma atividade completa e eficaz para o desenvolvimento da criança, por ser criativa e motivante, ajudando a desenvolver outras atividades, como por exemplo a grafia. Quando liberar o braço do ombro, o exercício encontra-se na base dos exercícios de coordenação que preparam a educação da mão e conseqüentemente o grafismo e a escrita, ou ainda poderá executar trabalhos manuais como costura, marcenaria, etc.

Ainda para PICQ e VAYER (1988, p.39), "ensinar uma criança a executar ritmicamente um exercício, um certo movimento, é um dos meios da educação psicomotora, mas não pode ser toda educação psicomotora, pois o que é educativo não é exercício global e impessoal, e sim uma análise".

2.5 ATIVIDADES RITMICAS PARA O DEFICIENTE MENTAL TREINÁVEL

Para desenvolver uma atividade ritmica com criança deficiente mental treinável, é necessário que seja trabalho o reflexo da queda ou paraquedismo, juntamente com os movimentos de engatinhar sobre a barriga e os quatro membros superiores que devem ser executados de forma cruzada. Em seguida a marcha e corrida pois, segundo a autora HOLLE (1979), é através destas atividades que o aluno poderá conhecer a ritmica. Caso não seja trabalhado com determinação e criatividade, a criança terá dificuldades em realizar não somente este tipo de atividade bem como qualquer outra.

Para que se possa criar algumas atividades ritmicas para uma criança deficiente mental treinável ou normal, é necessário um conhecimento mais profundo sobre o assunto.

Primeiramente, deve-se conhecer o real significado da palavra ritmo que segundo ROSSETE (1992, p.33), é "uma qualidade coordenativa fundamentalmente necessária à sobrevivência do ser humano".

Já para a autora HOLLE (1979, p.180), "a palavra *rytmós* significa movimentos ondulares. Indica alternância regular de força, velocidade e duração, que pode ser motora visual ou auditiva".

Ritmo, para AURÉLIO BAURQUE DE HOLANDA, apud BARROS e BRAGA (1983, p.21), "é o agrupamento de valores de tempo combinados de maneira que marquem com regularidade uma sucessão de sons fortes e fracos, de maior ou menor duração, conferindo a cada trecho características especiais". Ainda para os mesmos autores, o ritmo aplicado à motricidade humana, pode ser considerado um fenômeno psicossensoriomotor.

Já LE BOUCHE (1981), explica que no período intra-uterino o corpo da criança deve adaptar-se aos biorritmos maternos pelo processo de sintonização. Logo, após o nascimento até os três anos, a motricidade da criança organiza-se pela atuação da função de ajustamento, onde o ritmo representa a característica essencialmente do movimento eficaz, que é chamado de um movimento coordenado correspondente a uma resposta motora e rítmica.

A autora HOLLE (1979), explica também que os movimentos rítmicos são experimentados pelas crianças desde quando bebê. Nos atos de mamar, sentar, engatinhar, andar, correr e escrever, cada atividade possui um certo ritmo, variando entre os indivíduos, sob a influência de fatores como percepção e reação, comprimento comparativo dos membros, temperamento e estado de ânimo momentâneo. A autora coloca também, que a psicologia poderá influenciar o ritmo de movimento individual da criança que é determinado pelas condições e características mentais e físicas. A criança pode acompanhar o ritmo rápido ou lento, mas sempre voltará ao seu ritmo normal.

O ritmo pode ser percebido através de vários sentidos: a audição, o sentido cinestésico, o tato, a visão e o senso de tempo.

O ritmo auditivo é observado na música, na fala, nas ondas batendo na praia e etc.

O ritmo cinestésico é encontrado em movimentos, tais como respirar, andar, correr e dançar. O ritmo pode ser sentido através do tato, o qual é utilizado para ensinar o surdo, por exemplo no qual o ritmo da música de piano é conduzida através do chão até a criança. Visualmente, o ritmo é experimentado através dos movimentos das pessoas e dos animais, das ondas encrespando-se na superfície do mar.

O ritmo pode ser observado no arranjo e na relação das cores, linhas formas das paisagens, pinturas, na escultura e na arquitetura. (HOLLE, 1979, p.180 e 181).

BARROS e BRAGA (1983), colocam que os aspectos rítmicos abrangem o perceptivo e o motor, que estão intimamente relacionados e ainda possuem outros aspectos como: fisiologia - que se manifestam através das pulsações cardíacas,

respiração, etc., no físico que se manifestam através de tensões e relaxamentos, no psíquico que revela ao gerar e controlar as formas rítmicas e o dinâmico quando se exprime pela interatuação de todas as formas rítmicas.

Simplificando, pode-se dizer que o ritmo é a própria vida, uma vez que está presente em toda a ação motora humana.

Para um estudo adequado, é necessário abordar sobre o assunto música.

Para MENAU apud BARROS e BRAGA (1983,p.15), "as vibrações rítmicas expressas pela música tem profundo efeito sobre todo ser". Explica ainda, que o emprego da música desperta as mais variadas formas de emoção, podendo acalmar, excitar, deprimir ou diminuir tensões.

BODE apud BARROS e BRAGA (id), explica a importância da música na excitação de todo o sistema motor, ao estabelecer uma relação interna com o princípio de forma global em que a unidade corpo espírito atue em forma harmônica e rítmica.

A palavra música veio do grego (musiké), sendo considerada como arte e como ciência, segundo os autores PITHAN e SILVA apud BARROS e BRAGA (id).

WILSON e RYLAND (1961), apud PALLARÉS (1985), colocaram que a música é linguagem universal, explicando que através dela facilita-se rápidos contatos entre as pessoas, podendo levar o indivíduo à alegria e à tristeza, determinando a união do afastamento e provendo a integração ou a desintegração.

Com a música, a criança tem a oportunidade de se movimentar com alegria, imaginar as suas fantasias e se expressar de acordo com os sentimentos da sua situação, além de afvorecer o relacionamento em interpretação do grupo, contribuindo para a integração social, pois segundo a autora PALLARÉS (1981), com o ritmo da música o professor tem a estimulação e a ajuda para a criança realizar os movimentos adequados e precisos.

O autor SMALL coloca que, na hora de orientar uma atividade com música, o professor deve entender que:

Não é preciso haver saído de uma academia de arte dramática, nem cursar estúdios de expressão corporal, não é necessário ser um perfeito atleta, porém converter-se em guia no mais amplo sentido da palavra, vale dizer, uma cabeça que saiba observar, sugerir, que dirige o jogo, porém não mande. (SMALL apud PALLARÉS, 1981, p.81)

As danças e brinquedos cantados se destinam ao movimento rítmico e contribuem para a aquisição de conhecimentos, despertam o interesse pela tradição, dão sentido de lugar no espaço, disciplinam os deslocamentos e favorecem hábitos de sociabilização. Esta pequena explicação é colocada por PALLARÉ (1981), onde ela cita a importância destas atividades que serão explicadas detalhadamente.

2.5.1 DANÇA

A dança é considerada uma forma elevada de ensinamento e pode apresentar-se de diversas maneiras como: dança social, quadrilhas, sapateados, danças folclóricas, bailados. Em qualquer forma que ela seja apresentada, será forma de desenvolvimento e aprimoramento do corpo e do espírito.

Através dos anos, a dança tem sido, para as pessoas, um modo universal de expressão sendo eficiente quando usa todas as partes do corpo para expressar uma idéia ou emoção. Isto foi explicado pelos autores WILSON e RYLAND (1961) apud PALLARÉ (1985) colocando também que a dança é uma arte imponderável.

Já a autora GIFFONI (1973), coloca que a dança é a mais completa em todas as formas de exercícios e cita ainda que melhora as funções respiratórias e digestivas, aperfeiçoa o sistema muscular e nervoso, auxilia a corrigir a postura estática e dinâmica e proporciona o crescimento normal e a saúde. Através dela, pode-se encontrar meios de estravar as inibições que a sociedade propõe, além de desenvolver qualidades e comportamentos que constituem aspirações humanas.

A autora coloca também, que a dança exercita e auxilia as grandes funções mentais como: a atenção, a imaginação, a memória e o raciocínio, podendo facilitar o aprendizado das crianças e adultos. A dança é usada em forma de terapia, auxiliando a eliminar as tensões nervosas, colaborando para transformar crianças com problemas comportamentais em crianças normais.

HAYES (1987), coloca que a terapia pela dança tem sido uma forma de tratamento dos doentes mentais e emocionalmente perturbados.

E a dança, segundo GIFFONI (1973), pode ser trabalhada como recreação, pois através desta forma, ela desenvolve as mesmas funções do jogo, apenas tendo caráter de competição, sendo assim indicada nas escolas ou em outras instituições.

Verificou-se, que nos currículos escolares de educação física do Estado do Paraná, desenvolvido pela professora TOLKMITT (1990), possibilita ao professor trabalhar na pré-escola e no primeiro grau, o conteúdo de dança, onde são caracterizados que a criança identifica seus movimentos corporais ou sem música, permitindo o conhecimento de seu próprio ritmo.

2.5.2 DANÇA FOLCLÓRICA

A dança folclórica é um dos meios mais eficazes para a educação do movimento ou através do movimento, pois possibilita o desenvolvimento da criatividade, do senso cinestésico e da auto-confiança. Se bem trabalhada, a dança folclórica pode produzir inúmeros benefícios como: um maior respeito pelas próprias habilidades bem como as dos (sem a influência da competição), melhoria dos domínios afetivos e cognitivos; desenvolvimento mais eficaz da coordenação motora e espaço temporal, ajudando a adquirir uma percepção rítmica e facilitando a integração social.

GIFFONI (1973), explica que a dança folclórica contribui para a adaptação social devido os contatos que proporciona, e oportuniza distração e acomodação psíquica, prevalecendo a sua prática em várias fases da vida humana.

Para a autora PALLARÉS (1981), as danças folclóricas são adaptadas às crianças e permitem a aquisição de hábitos sociais além de contribuírem para a sensibilidade auditiva, expressão do gesto e descoberta do ritmo, oportunizando a conscientização da orientação do espaço.

O folclore infantil mantém a tradição, a simplicidade e a carga afetiva, contribui para a educação rítmica e a formação musical das crianças pequenas. As danças, juntamente com a música e a participação do professor, dá alegria e descontração, além de propiciar segurança com uma situação favorável à expressão motora liberada. Pode-se colocar outros fatores importantes, como citado pelo autor LE BOUCHE (1985), que fala sobre o ponto de vista psicomotor, que é a relação corporal, onde une as crianças nas atividades e a associação da música e do movimento, permitindo que a criança sinta a identidade rítmica.

Em suma, a dança folclórica ensina, diverte e educa qualquer indivíduo, seja criança, adulto ou velho; só exige interesse, determinação e alegria.

2.5.3 DANÇA ELEMENTAR

Este tipo de dança surgiu aproximadamente em 1925, através de Dorothee Gunter e Carl Orff, na Gunterhule - Munchen onde desenvolveu-se uma forma de dança, profundamente enraizada no ritmo e apoiada por música vital. Nesta época surgiu também um grupo de dança orquestrada, que utilizava todas as vibrações de instrumentos de percussão do som, conhecida como instrumentos de Orff, que foi criado por Maja Lex e Gunild Weetman, colaboradoras de Carl Orff. Neste grupo, a formação em dança e música era equilibrada, pois os componentes estavam aptos a assumir um lugar tanto na orquestra como na dança. (PADILHA, 1988).

A autora cita ainda que, em consequência da segunda guerra mundial finalizou-se esta ligação artística, recomeçando em 1955 na Deutsche Sportwohlschule Keeln - Escola Superior de Esportes de Colônia possibilitando ajuda aos estudantes de educação física e dando um novo desenvolvimento à dança elementar.

A dança elementar necessita de uma técnica bem fundamentada, não devendo permitir uma forma perigosa, e sim uma técnica sem equilíbrio das tentativas e a diminuição das forças criativas, tendo um resultado que automaticamente apareça os movimentos aprendidos, para PADILHA (1988), metodicamente as danças elementares é um trabalho livre sobre uma base técnica, como por exemplo: andar, correr, saltitar.

A autora afirma ainda que é mais importante educar a pessoa que o corpo, possibilitando a conscientização da pessoa para a dança. Também é necessário saber que o movimento não significa fazer o trabalho muscular automático e sim de maneira expressiva, tornando o indivíduo consciente daquilo que esta fazendo.

O professor, trabalhando adequadamente a dança elementar com seus alunos, poderá atingir inúmeros objetivos, dentre os quais os três principais que são: autoconfiança, consciência do movimento e criatividade.

Para que se possa atingir estes objetivos, é necessário que a aplicação da dança elementar siga os três passos metodológicos que são:

- (1) Exploração do movimento: o aluno explora diferentes maneiras de movimento.
- (2) Delimitação: o professor coloca certos limites para que o aluno continue explorando o tema.
- (3) Criatividade: o aluno cria dentro das formas que ele explorou, de maneira mais elaborada. (DOMAKOSKI, 1994).

2.5.4 BRINQUEDOS CANTADOS

São representados por atividades lúdicas, que permitem à criança as suas mais variadas formas de expressão e comunicação. Apresentam princípios básicos de iniciação e dança.

Os brinquedos cantados são atividades que associam o uso do canto, do jogo (ou brinquedo) e do movimento. Apresentam-se de forma simples e natural, podendo ser considerados como vivência intermediária entre o jogo rítmico e a dança.

Por sua forma fácil e motivante, os brinquedos cantados são muito bem aceitos por qualquer criança, principalmente em idade pré-escolar, quando elas adoram cantar e interpretar suas canções através de movimentos corporais, o que certamente irá contribuir para o desenvolvimento motor, consciência corporal, autoconfiança, desinibição, expressão corporal e criatividade. (DOMAKOSKI, 1994).

3 CONCLUSÃO

Analisando as características e necessidades dos deficientes mentais treináveis bem como os benefícios dos diversos tipos de atividades rítmicas, concluindo-se que estas permitem um desenvolvimento eficiente, auxiliando na vida diária e escolar do deficiente mental, contribuindo para uma conscientização corporal e visando um melhoramento de suas qualidades físicas. Com isto, pode-se colocar que as atividades rítmicas poderão ser trabalhadas desde que seja obedecido o critério de adequação. Por exemplo, se a idade mental do deficiente mental é de três a sete anos, ele deverá vivenciar atividades que correspondam a esta faixa etária (equivalente a pré-escolar) como: os brinquedos cantados, jogos rítmicos, dança elementar e as danças folclóricas.

Outro ponto importante a ser considerado, é que estas modalidades sejam aplicadas de forma descontraída e motivante, conquistando o interesse do praticante a fim de que ele possa receber o maior número de benefícios propiciados pelas atividades rítmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Daisy e BRAGA, Haroldo. Ginástica e música. Rio de Janeiro: Rythmus, 1983.
- CANFIELD, Jefferson T. Aprendizagem motora. Santa Maria: Imprensa Universitária da U.F.S.M., 1988.
- DOMAKOSKI, Vera. Brinquedos cantados. Curitiba: Anotações de aula da disciplina de atividades rítmicas do curso de educação física da U.F.PR., 1994.
- _____. Dança elementar. Curitiba: Curitiba: Anotações de aula da disciplina de atividades rítmicas do curso de educação física da U.F.PR., 1994.
- ESTÉVEZ, Maria A.Q. Deficiência mental in: Manual de educacion especial. Madrid, Espanha: Anaya, 1989, p.375 à 394.
- GIFFONI, Maria A.C. Danças folclóricas brasileiras. 3 ed. São Paulo: melhoramentos, 1973.
- GOMES, Angela C.G. Pré-escolar e escolaridade in: Coleção educação especial. Paraná: Precoce, 1993, p.92 à 132.
- HAYES, Elizabeth R. Reflexões sobre a dança na América. Sprint. Rio de Janeiro, V, n 2, p. 54à 57, mar/abr 1987.
- HOLLE, Britta. Desenvolvimento motor da criança normal e retardada. São Paulo: Manole, 1979.
- KIRK, Samuel A. e GALLAGHER, James J. Educação da criança excepcional. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- LE BOULCH, Jean. Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- _____. O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- MACHADO, Maria T.C. e ALMEIDA, Marlene D.O. Ensinando crianças excepcionais. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.
- PADILHA, Grazielle. Dança elementar. Curso de educação física, de educação rítmica do movimento e dança elementar. Porto Alegre, 1988.

PALLARÉS, Zaida M. Atividades rítmicas para pré-escolar. Porto Alegre: Redacta Prodil, 1981.

_____. Ginástica Rítmica. Porto Alegre: Metropol, 1985.

PICQ, L. e VAYER, P. Educação psicomotora e retardo mental: aplicação aos diferentes tipos de inadaptção. 4 ed. São Paulo: Manole, 1988.

ROSADAS, Sidney de C. Educação física para deficientes. São Paulo: Atheneu, 1988.

_____. Educação física especial para deficientes: fundamentos da avaliação e aplicabilidade de programas sensório motores em deficientes. São Paulo: Atheneu, 1991.

ROSSETE, Elizabete de F.C. Ritmo e movimento. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Maringá, v.14, n 1, p.33 à 37, set. 1992.

SILVA, Sirlene. A musicoterapia para deficientes mentais. Curitiba, 1990, Monografia (Graduação em Psicologia) Setor de Ciências Humanas, U.F.PR.

TOLKMITT, Valda M. Educação física in: Currículo básico para a escola pública do estado do Paraná. Paraná: Fundepar, 1990, p.175 à 188.

VIANA, Adalberto R. e outros. Coordenação psicomotora. São Paulo: v.1, Sprint, 1990.